

EXPERIÊNCIAS MUSICAIS: HISTÓRIAS EM TORNO DA CANÇÃO KUKUKAYA

Haroldo de Resende *

Resumo: Composta pela paraibana Cátia de França, a canção *Kukukaya* (*Jogo da asa da bruxa*) pode ser considerada um dos *standards* do cancioneiro nordestino daquela geração projetada nacionalmente no fim dos anos 1970, com a abertura da indústria fonográfica para ritmos e artistas do nordeste de acentuada conotação *pop*. *Kukukaya* foi inspirada num conto cigano, cujo mote gira em torno da criação, do nascimento, da vida, com suas dores e alegrias. Na recriação de Cátia de França há a incorporação de elementos nordestinos aos referenciais místicos ciganos. Trata-se de uma canção que não se restringiu à combinações de notas musicais, arranjos e acordes, mas de um artefato cultural instaurador de sensibilidades, propiciando elaboração de experiências subjetivas na invenção de suportes materiais e simbólicos de práticas sócio-culturais como expressão política e estética, consubstanciando articulações entre experiências artísticas e concepções de mundo.

Palavras-chave: Cátia de França; história cultural; experiência musical.

MUSICAL EXPERIENCES: STORIES ABOUT THE SONG KUKUKAYA

Abstract: Composed by Cátia de França, the song *Kukukaya* (game of the witch wing) can be thought as one of the *standards* of nordestino songbook of this generation projected at a national level in the late 1970 with the opening of the music industry for rhythms and for northern artists with strong *pop* connotation. *Kukukaya* was inspired in a gypsy tale, whose motto is related to the creation, the birth and the life with its pains and joys. In the recreation of Cátia de França there is incorporation of nordestinos elements to gypsy mystical references. This is a song that was not limited to combinations of musical notes, chords and arrangements, but it is an cultural artifact introducer of sensitivities, providing elaboration of subjective experiences in the invention of material and symbolic basis of socio-cultural practices as political and aesthetic expression, embodying articulations between artistic experiences and conceptions of the world.

Keywords: Cátia de França; Cultural History; musical experience.

A temporada do show Solar, comemorativo dos 20 anos de carreira de Elba Ramalho está em cartaz na lendária casa de espetáculos Canecão, no Rio de Janeiro. É noite de sexta-feira, 05 de novembro de 1999. Depois de encerrar a primeira parte do show, a cantora deixa o palco. Quando volta, abre a segunda parte, vestindo um figurino com toques de misticismo, especialmente pelo arranjo da cabeça, referindo-se a uma imagem ao mesmo tempo cigana e guerreira, toda a cenografia transpira uma atmosfera mística, a iluminação se projeta sobre a cantora que empunha baquetas com quais toca dois entre os quais se posiciona. Embaixo

* Professor na Universidade Federal de Uberlândia, doutor em *Educação: História, Política, Sociedade*. O trabalho conta com apoio financeiro da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

desses tambores, Paulinho He-man todo paramentado com adereços fluorescentes, toca vigorosamente instrumentos de percussão, cujo som se mistura aos acordes da guitarra de Marcos Arcanjo. A vibração da platéia se dilui num êxtase contemplativo.

Ao fim desse número, do público se ouve uma voz que grita: Viva Cátia de França! Todas as imagens que propiciaram aquela cena emanaram da canção *Kukukaya (Jogo da Asa da Bruxa)*¹, da cantora, compositora e instrumentista paraibana Cátia de França, contemporânea de Elba Ramalho que gravara a mesma canção em seu LP de estréia, *Ave de Prata*, em 1979.

Vinte anos depois, compondo um repertório que revisita sua carreira e demarca canções significativas em sua obra, a cantora novamente registra *Kukukaya* no CD *Solar*, gerador desse espetáculo homônimo. Desta feita, a gravação é feita com a participação especial de Geraldo Azevedo nos vocais, no arranjo e no violão que, na primeira versão também participou do arranjo, além de também tocar violão. No texto de apresentação do programa do show, Elba Ramalho escreve: “Geraldo me ensinou muito, me fez crescer como músico, foi meu esteio musical e me presenteou sempre com belas músicas. Tantas já tão cantadas por nós dois em tantos encontros, que resolvemos homenagear nossa parceira Kátia de França, gravando *Kukukaya*”².

Cátia de França, pertence ao mesmo grupo ou à mesma linhagem musical tanto de Geraldo Azevedo, como de Elba Ramalho, além da de Alceu Valença, Fagner, Amelinha, Zé Ramalho, Belchior, Pedro Osmar, Vital Farias que, entre outros nordestinos deixaram sua região natal no final dos anos 1970 e foram tentar a sorte no “sul-maravilha”. Nesse período, a indústria fonográfica se abriu para os ritmos e artistas nordestinos, que acabaram constituindo um grupo que, embora não tenha se consubstanciado num movimento musical, propriamente dito, se agregou em torno de uma linguagem comum, que misturava informações musicais regionais com um sotaque *pop*, além de também terem o nordeste como origem regional geográfica em comum.

Esse grupo mais tarde, viria a ser designado pelo jornalista Pedro Alexandre Sanches de “Geração Sertão” à propósito da reedição, em 1999, de vários álbuns gravados por alguns deles na então gravadora CBS, pelo selo Epic, cujo título da série foi “Geração Nordeste”, expressão que acabou se tornando referência para identificação desses artistas daquela

¹ A canção tem o subtítulo *Jogo da Asa da Bruxa*, mas será referenciada apenas pelo título, *Kukukaya*.

² No início da carreira, o nome de Cátia de França era grafado com a letra K, por isso, é comum em algumas referências, como fichas técnicas, por exemplo, ser registrado dessa forma.

geração. A crítica do jornalista é contundente naquilo que o projeto “Geração Nordeste” se propôs, mas agiu pelos flancos:

“No geral, reaparece no horizonte a ponta do iceberg de uma geração ainda encarada com certa reticência. Continuam submersos (e perdidos por gravadoras várias) Ednardo e o Pessoal do Ceará, Vital farias, Elomar, Belchior – e, na Sony a muito injustiçada Cátia de França, cantora e compositora de primeira. Um dia todo o gelo derrete” (SANCHES, 1999: 7).

Enquanto o sol da indústria fonográfica não arde sobre as geleiras do esquecimento, cumpre lembrar que Cátia de França se destacou nesse grupo “Geração Nordeste” por ser a única representante mulher que compunha, tocava e interpretava suas próprias canções. Ela havia sido batizada no mundo musical fonográfico pelas mãos de Zé Ramalho, que produziu seu primeiro LP, *20 palavras ao redor do sol*, no qual também foi gravada canção *Kukukaya*, no mesmo ano de 1979.

Kukukaya é uma composição que marcou toda aquela “Geração Nordeste”, desdobrada em ouvintes receptores da música feita por aquela geração naquele período e, para além dele. Certamente, trata-se de uma canção emblemática, sem dúvida um dos *standarts* do cancionário nordestino, daquele momento pós-*hippie*, demarcando uma determinada estética, podendo ser pensada numa linha esotérica, profética, como uma daquelas profecias, tão afeitas ao repertório do próprio Zé Ramalho e do roqueiro Raul Seixas.

Cátia de França compôs, ou pelo menos foi inspirada a compor *Kukukaya*, no mormaço carioca de uma tarde do ano de 1975, numa sala de espera de um escritório em Copacabana, no Rio de Janeiro. Enquanto esperava para falar com um possível empresário, que a vira se apresentar no programa de Flávio Cavalcanti, folheando uma revista esotérica, deparou-se com um conto cigano, que lhe serviu de mote para a criação da música.

Nesse conto havia o mantra *Kukaya*, de um dialeto cigano, que para a sonoridade da canção foi adicionada mais uma sílaba *ku* no início da expressão. Na letra da canção há, além da criação de Cátia de França, a citação de quadras desse mantra cigano, caracterizando uma espécie de intertextualidade. Sendo que o tema geral de *Kukukaya* se envolve nos mistérios da fé, do mundo místico-religioso, é uma canção que guarda ligações com o inefável universo simbólico da crença, com seus signos mágicos, com seus ritos. Xangai, um dos intérpretes de *Kukukaya*, dá uma explicação de alguns desses signos:

As ciganas, parteiras, quando vão trabalhar, tirar ciganinhos de dentro da barriga das ciganas, então elas invocam uma, vamos dizer, uma entidade espiritual chamada *Kukukaya*. Então *Kukukaya* é a força espiritual que é pra esse fim, pra essa

finalidade, pra essa resultância. As parteiras invocam *Kukukaya*. Então quer dizer, ‘*o ovo é redondo, ventre redondo é / vem amor, vem com saúde / aonde eu sou chama, seja você brasa / aonde eu sou chuva, seja você água*’. Então trazendo uma nova vida, aí pede pra *Kukukaya* auxiliá-las, nesse momento. Esse é um detalhe importante desse universo catarinesco³ (XANGAI, 2005).

Comentando sobre o disco *Ave de prata*, Elba Ramalho também fala da vinculação de *Kukukaya* a esse universo místico.

(...) são minhas coisas esotéricas, espirituais. Eu sempre busquei música pela mensagem – ‘*um veio d’água na serra / é olho d’água a correr / um veio d’água no rosto / é uma mágoa*’ – Eu sempre... tudo meu foi se apegando à poesia, porque eu venho do teatro, ouvindo poesia desde os quatorze anos. Eu me lembro que uma das coisas que me encantava em Cátia, não só o *swingue* dela no violão, que era muito legal, mas eram as letras também, e esse conto cigano, como ela já contou, que era a história de um conto cigano que ela havia lido... e que *Kukukaya* é um grito, um grito de chamamento, de desespero, um grito de amor, um grito de dor... Eu me lembro que esse meu primeiro disco é muito, é um disco muito... é como se eu quisesse botar num disco tudo que eu tinha vivido no teatro. Então, ele é tudo, desde lá da capa, das roupas, todo o começo da minha carreira tinha esse ideal, ah!... E isso aí tem a ver sim (ELBA RAMALHO, 2005).

Toda a arte visual do álbum *Ave de prata* é concebida a partir desses signos e imagens esotéricas que certamente encontram na segunda faixa do lado B do disco, *Kukukaya*, sua inspiração e ponto norteador. O cenário das fotos de capa e contracapa remete a um ambiente seco, com pedras cinzentas ao fundo e Elba Ramalho veste um figurino cheio de referências feiticeiras, com adereços e adornos que conferem uma certa alegoria de mistério às cenas retratadas pelo fotógrafo Paulo Klein que, ainda trabalha com efeitos especiais nas fotos, envolvendo-as ainda mais nessa aura mística, misteriosa, sem falar na expressão e no gestual da cantora, especialmente da foto da contracapa em que suas mãos movimentam como que num passe de mágica.

Dentre as fotos internas do encarte, merece destaque justamente a que é relacionada à a letra de *Kukukaya*. Numa paisagem, entre pedras e árvores, com seus cabelos esvoaçantes, colares de dentes de animal, bracelete e roupas coloridas, na posição de cócoras, com as mãos segurando um ramo, Elba Ramalho encarna uma feiticeira. Essa fotografia é o mote para a

³ O adjetivo catarinesco advém do próprio nome da compositora, que é Catarina Maria de França Carneiro. Daí o tratamento de alguns de seus colegas. No primeiro LP de Zé Ramalho, na canção *Voa, voa*, o cantor brada “Catarina!”, dando a deixa para que ela sole na sanfona.

criação da ilustração do encarte do LP, uma aquarela de Jejo Cornelsen⁴, em que a figura de Elba é reproduzida, de forma estilizada, exatamente na mesma posição da foto, com as mesmas vestimentas, mas com um colorido mais forte, remetendo à ancestralidade, ao primitivo, a uma imagem que mescla todos esses elementos esotéricos com a expressividade cênica, numa relação direta com a origem da representação teatral.

Os pincéis de Cornelsen transformam Elba Ramalho, nessa ilustração, em uma guerreira cuja cabeça ostenta a pele de uma fera de caça, num ritual ancestral em que se misturava representação e religião, força e poder, sabedoria e criação. Imagem arquetípica que projeta a figura feminina da cantora no centro de uma espécie de mandala, cujas esferas vão se sobrepondo, de maneira que à esquerda e à direita aparecem cabeças de águia enigmáticamente conectadas por chapas metálicas e fios que se transformam em espécies de cabrestos, o que pode ser interpretado como o controle do vôo desses pássaros, símbolos da sabedoria, da sagacidade, da liberdade, naquele momento político de ditadura, repressão e cerceamento da liberdade criadora.

Nos contornos da última esfera que compões a mandala está escrito à mão os versos “onde eu sou chama / seja você a brasa / onde eu sou chuva / seja você a água” que são citados em *Kukukaya*. Das mãos da guerreira se estende uma vara (que bem pode ser de condão), da qual se respinga água, orvalhando um néctar que alimenta beija-flores e, de onde, na incidência da contraluz se forma um arco-íris fechado em sua própria esfera, circunscrevendo o centro da gravura, lugar em que se projeta a genitália da guerreira. Figura mítica feminina que guarda o mistério da vida, o princípio da vida, a força da natureza. Sobre a cabeça da feiticeira incide um sol para onde se projeta outro pássaro, cujas asas se transformam na junção de um par de olhos e de num bico aquilinos. São os quatro elementos, terra, água, fogo e ar, numa junção alquímica pagã. Essa gravura toda uma eloquência ao texto de *Kukukaya*.

Kukukaya foi uma música muito inspiradora no começo da minha carreira, e, era uma coisa nova meu trabalho. Tanto o meu, quanto o da Cátia, quanto o do Vital, o do próprio Zé, era tudo muito novo, tudo muito diferente, por isso que foi impactante. Por melhor ou pior que fosse, por mais que se gostasse ou se odiasse,

⁴ Jejo Cornelsen é um artista plástico que tem desenvolvido trabalhos para o projeto *A imagem do som*, que além de exposições, apresenta-se através de uma série de publicações, organizadas por Felipe Taborda, que se dedicam a mostrar trabalhos de diferentes extrações para ilustrar ou traduzir canções para a linguagem das artes visuais, daí o nome do projeto. As obras de Caetano Veloso, Chico Buarque, Tom Jobim, Gilberto Gil e Dorival Caymmi, por exemplo, já foram objeto desse projeto. Pode-se dizer que o trabalho do encarte de *Ave de prata*, de Elba Ramalho foi a imagem do som, a interpretação visual da canção *Kukukaya*, realizada por Cornelsen, já naquele período.

era impactante, era novo, tinha uma coisa revolucionária, uma coisa diferente, trazia uma coisa de lá, mas tinha uma coisa meio *pop*, a Cátia era muito *pop*, sempre foi muito *pop*. E eu acho que sim, eu me lembro daquela aquarela, tem um pedaço de *Kukukaya* (ELBA RAMALHO, 2005).

Emoldurada por essa linguagem musical de conotação *pop*, a canção *Kukukaya* traz, do ponto de vista da poesia, essas imagens esotéricas que se aliam a outras referências. Há a idéia de um arco que vai dos olhos aos pés, descrevendo um movimento pela dor, num ciclo de vida e morte, de começo e fim tendo a terra-mãe como princípio e fim de tudo. A Terra, planeta esférico, forma feminina que é recorrente em vários trechos da canção. Nessa referência à Terra, assim como à lua cheia, tão ligada a mistérios e alegorias fantásticas; aos olhos, que representam visão, clarividência, “janelas da alma”; ao ovo, princípio de nova vida, assim como o ventre, ninho para a semente de outra vida. Além dessas referências à forma circular feminina, cíclica, outros elementos femininos caracterizam a canção: chama, chuva, água, brasa, terra, morte. *Kukukaya* é um vocativo, uma evocação, uma súplica à força espiritual da energia telúrica da criação, é quase uma prece: “eu quero você aqui”.

Na descrição de um jogo de cartas entre quatro jogadores, cuja disposição em forma de círculo também sugere o elemento arquetípico da mandala, a composição se desenvolve mostrando a situação desse jogo em dramáticas ações e artimanhas entre os parceiros no desafio que se estabelece com o jogo da bruxa sob a luz da lua cheia. O jogo pode ser uma disputa, uma luta entre forças opostas, como também pode ser um exercício lúdico, como manifestação simbólica da imaginação criadora, cena dramática - no sentido da ação teatral - da vida real. As cartas são dadas, os dados são lançados, mas os olhos atentos não dão folga e não há engano entre a facilidade das rimas e a docilidade dos risos.

Além de todas essas imagens míticas e místicas, a canção também traz referências da cultura nordestina em sua brejeirice sertaneja, incorporando signos e elementos tipicamente regionais. O próprio desafio que aparece no verso *No desafio do jogo da bruxa* pode ser entendido metaforicamente como o desafio, “modelo que representa a essência da arte da cantoria” (Ramalho, 2000, p. 52), ou seja, a peleja entre dois cantadores repentistas que, no jogo da cantoria - gênero poético-musical - disputam, improvisando versos, “dando as cartas”, – outra metáfora poético-musical – lançando seu pensamento, sua fala, seu canto. Mas que, mesmo na condição da disputa, os adversários repentistas se expressam independentemente de suas aspirações individuais. Sua expressão subjetiva tem conotação de subjetividade coletiva. A esse respeito, Ramalho diz que

“o processo de individualização que ocorre no Desafio não está terminado. Nele ainda ‘permanecem traços manifestos do momento social’, que revelam, através da disputa entre dois cantores rivais, as disputas permanentes entre setores desiguais da sociedade” (RAMALHO, 2000: 53).

Outro signo tipicamente nordestino é a expressão “cabra de peia” que, segundo Fred Navarro, em seu *Dicionário do Nordeste*, tanto pode ser um sujeito valente, corajoso, um homem destemido, como também pode significar cabra safado, aquele que não presta, um “cachorro”, expressão que também aparece na música. No contexto da canção, pode ainda se pensar naquele sujeito jogador, astuto, ardiloso, que maneja a situação com habilidade e esperteza.

Os significados que a canção Kukukaya despertou e ainda desperta são os mais diversos. Atualmente, em Fortaleza, capital do Ceará, tornou-se uma expressão corrente no cotidiano da cidade, um ponto de referência espacial. Acontece que foi criado um espaço cultural, naquela cidade, ao qual foi dado o nome Kukukaya. A proposta da casa é trabalhar em cima da cultura nordestina, das manifestações artísticas do povo do nordeste, num trabalho que busca, a partir da pesquisa ressaltar a arte do artesão, as manifestações culturais populares. Daí a escolha do nome do espaço.

Bom na verdade, quando a gente escolheu esse nome, Kukukaya, até esse momento, a gente ainda não tinha um contato direto com a Cátia de França, mas tínhamos uma admiração muito grande pelo trabalho dela. O Kukukaya, procurou ter uma característica nordestina mais direcionada ao Ceará, à pesquisa do interior do Ceará, mas a música não tem fronteira e a Cátia representa o nordeste. Todos, todos nós nos sentimos representados com a poesia, com a musicalidade de Cátia. E naquele momento a idéia também, era definir através de uma música, de um nome, a linha de trabalho que o Kukukaya desenvolveria. Então quando nós procuramos... Kukukya foi também uma forma de homenagear o trabalho de Cátia de França e, dessa forma definir ou direcionar o trabalho do Kukukaya. Cátia de França faz parte da música brasileira, que tem um público mais seleta, um pouco mais antenado com as coisas que não são da grande mídia, que não tem acesso aos meios de comunicação de massa, mas que tem qualidade e que por ter qualidade chega sempre aos ouvidos do “público bom”. A gente também queria selecionar esse público. E essa música foi chave. Pra você ver a força que é o trabalho de Cátia. No momento em que a gente colocou Kukukaya, já imediatamente, desde a inauguração, a gente teve esse público presente. O Kukukaya foi sucesso desde o primeiro dia de abertura. E o sucesso disso, a gente tem certeza que se deve muito a essa idéia do nome que fez realmente essa... que mostrou essa linha (ELAINE MEDEIRO, 2005).

Kukukaya atravessa o cotidiano, não só da casa cultural e de seus frequentadores, mas também da cidade de Fortaleza, tendo se tornado, além da referência cultural, também uma referência do espaço geográfico, uma vez que serve de ponto de localização para as pessoas.

E ao mesmo tempo Kukukaya é uma palavra muito forte, que também, o povo questiona muito, quem não conhece procura conhecer. E o Kukukaya hoje é referência. Eu até não tinha muita consciência disso... sempre dizia, a você vai, e usava como referência o BAC, que é o Banco do Estado do Ceará, que é antigo. Há quantos anos existe aqui! É quase em frente ao Kukukaya. Mas aí as pessoas dizem: não, é o Kukukaya! O BAC é que é em frente ao Kukukaya... Outro dia, uma pessoa me pediu o endereço - ela não é daqui - aí eu fui explicar e disse, que era em frente ao BAC, mas outra disse: não, todo mundo sabe dizer onde é o Kukukaya, você não diga mais isso não. Kukukaya aqui tem que ser usado como referência pros vizinhos de vocês(ELAINE MEDEIRO, 2005).

Uma outra dimensão de significados provocados pela canção está ligada à uma certa magia, ou coisa que não se explica por critérios de racionalidade ou credenciais científicas. São sentidos que perpassam sentimentos, emoções e formas de lidar com a dimensão espiritual, apresentando algo de arrebatador que envolve a percepção. A própria Cátia de França relata histórias que lhe contaram:

(...) uma mulher disse que estava fazendo uma cesariana com o maior medo do mundo, aí começou a cantar Kukukaya pra se acalmar, o médico gostou, o anestesista, são esses relatos... eu estava numa praia bem distante, em Cabo do Santo Agostinho, então, uma estrangeira, casada com um mestre de capoeira, de repente me disse: – minha filha foi concebida ouvindo Kukukaya (CÁTIA DE FRANÇA, 2003).

Outro fato que não deixa de ser uma curiosidade foi o que aconteceu com a própria compositora. Por seu envolvimento com o vício do fumo e do álcool, sua voz foi perdendo os agudos, a ponto de não mais emitir nenhuma nota nesse tom, até que certo dia, num show, cantando justamente Kukukaya ela consegue soltar agudos. Emocionada com a recuperação de sua voz, depois de ter se desvencilhado da bebida e do cigarro, ela chora no palco, ao som de sua música, já tantas vezes cantada e gravada por outros intérpretes.

O trabalho de Cátia de França sempre foi muito autoral, baseado em suas próprias composições, de modo que, sendo a direção musical do disco em que ela grava a canção, de Zé Ramalho, Carlos Alberto Sion e dela mesma, não fica difícil imaginar como foi o processo

de escolha do repertório. Já a inclusão no LP de Elba Ramalho, o diretor de produção, Carlos Alberto Sion advoga para si a escolha:

E aí começamos a ter um relacionamento maior, eu comecei a ouvi-la e um dia, em um dos momentos em que a gente esteve próximo, eu ouvi o repertório dela. Aí eu achei interessante indicar que Elba gravasse Kukukaya, pela amizade que ela tinha com a Elba, mas Elba não conhecia a música Kukukaya, que está no disco da Elba. Uma música excelente por sinal, que tem até um solo do Lulu Santos nessa faixa, inclusive (CARLOS ALBERTO SION, 2004).

No entanto, Elba Ramalho também diz que a escolha foi dela, que já conhecia a música desde quando o grupo de teatro Chegança, do qual faziam parte, fez sua temporada paulistana.

Cantava com ela. Nesse ano em que a gente morou em São Paulo, a gente aprendeu muita música, a gente tocava, a gente ficava à noite, de bobeira, quando não tinha espetáculos e depois dos espetáculos, nós duas tocávamos até o dia amanhecer. Então a gente vivia muito junto, música, música, música, música, música (ELBA RAMALHO, 2005).

Lembrando que quem fez a direção musical de Ave de Prata, foi Geraldo Azevedo que, também diz ter ajudado no processo de escolha de repertório, incluindo a canção.

E foi nesse momento assim que eu conheci a Cátia, a verve dela, a originalidade que ela tem, a africanidade, mas de uma brasilidade muito grande, assim... e se revelou para mim como uma grande compositora, tanto que o primeiro disco que eu fiz, já morando com Elba, a gente fez o primeiro disco de Elba, e nesse primeiro disco já incluía uma canção de Cátia, que é uma canção muito emblemática, muito importante na carreira dela, que é aquela Kukukaya (GERALDO AZEVEDO, 2005).

Ainda sobre a canção em sua vida, Geraldo Azevedo descreve outros momentos que o marcaram:

Kukukaya faz parte da minha vida de várias maneiras, ainda foi proposto, quer dizer, eu canto no Cantoria com Xangai, eu o acompanho. Aliás, sempre que a gente se encontra. E depois participo cantando com Elba, no disco dela, naquela antologia dela. E fiz a proposta de n'O Grande Encontro, a gente gravar Kukukaya, mas não foi aceito por todos, assim, até por causa da temática, dos quatro jogadores... algumas pessoas, achavam que ficava entrando em choque com o Encontro, não sei o quê... Mas era uma música que representava muito bem, assim. Não pelo teor

literário só, mas pela contingência da idéia, do ritmo, da coisa da composição, da própria compositora que podia ser homenageada na medida que a gente tivesse juntando uma coisa que representava toda uma geração. Mas não foi aceito não (GERALDO AZEVEDO, 2005).

O Grande Encontro foi um projeto que reuniu no mesmo palco os pernambucanos Geraldo Azevedo e Alceu Valença e os paraibanos Elba Ramalho e Zé Ramalho, em 1996, numa celebração à música nordestina, resultando na gravação de um CD ao vivo no Canecão, no Rio de Janeiro. O embrião desse projeto foi um show de Geraldo Azevedo e Zé Ramalho que, fora da mídia e do mercado resolveram percorrer algumas cidades do Brasil em dupla. Quando aportaram com o espetáculo no Rio de Janeiro foram assistidos pelos companheiros Elba Ramalho e Alceu Valença que subiram no palco para uma “canja” e, dessa canja, resultou O Grande Encontro, que depois se desdobrou em outros dois CDs, um de estúdio e outro ao vivo, mas sem a presença de Alceu Valença que entendia que o projeto devia se fechar ali mesmo e não se tornar uma trilogia como acabou se tornando.

A sugestão de Geraldo Azevedo de que Kukukaya fizesse parte do roteiro não foi acatada por divergências de idéias acerca da representação da música para o contexto do show, pois poderia sugerir uma competição entre os quatro jogadores citados na música, o que contrariaria a proposta e o espírito daquele encontro que era justamente a celebração, a união dos quatro cantores(-jogadores).

Mas Geraldo Azevedo também já havia gravado o violão em Kukukaya, não só nos discos de Elba, mas também para a interpretação de Xangai, doze anos antes, noutro projeto intitulado Cantoria, que consistiu na reunião dele, Geraldo Azevedo, dos baianos Elomar e Xangai e do paraibano Vital Farias, num espetáculo gravado no Teatro Castro Alves, em Salvador, entre os dias 13, 14 e 15 de janeiro de 1984, com uma segunda edição em 1988, ambos gravados pela Kuarup Discos⁵.

A concepção do Cantoria girava em torno do ofício do cantador sertanejo. Daí o nome de cantoria, que diz respeito à forma de apresentação do cantor do sertão e não propriamente um espetáculo e muito menos um show, que é uma expressão estrangeira.

Xangai, além de cantar Kukukaya nesse Cantoria, também a registra em seu LP seguinte, Mutirão da Vida, lançado ainda no mesmo ano de 1984. Depois de 17 anos ele volta

⁵ Geraldo Azevedo fez participação especial no show de Cátia de França na Modern Sound, no Rio de Janeiro, no dia 16 de julho de 2007, no qual interpretam Kukukaya, cujas imagens se encontram disponíveis no endereço eletrônico: http://www.youtube.com/watch?v=x_rMgwdFxRU do site <http://www.youtube.com.br> (acesso em 10/05/09).

a gravá-la no CD *Brasilerança - Xangai & Quinteto da Paraíba*, numa outra roupagem, completamente nova, com as texturas das cordas de um dos mais virtuosos conjuntos de câmara do Brasil, o Quinteto da Paraíba.

E, isso nos encontros da gente gerou... da gente sempre estar tocando, batendo papo, conversando... e a fertilidade até estimulada pela avidez que a gente vivia, de buscar a projeção do trabalho, essa coisa toda. Então sempre, um vinha com uma novidade, uma outra coisa. A gente fazia música juntos... Então, eu passei a me, interessar pelas músicas de Cátia, e vim a aprender a tocar algumas delas, de uma maneira muito pessoal. Então, por exemplo, se você ouvir Kukukaya... Todo mundo que canta Kukukaya não é igual, ao jeito que eu canto, nem a própria Cátia. Ela diz: - você consertou minha música. Eu não diria isso não. Eu adaptei para uma maneira que eu entendo que é daquela maneira que a música funciona. Eu já gravei Kukukaya três vezes... gravei num disco Cantoria, gravei no Mutirão da vida e nesse Brasilerança... E com roupagens diferentes, com outras possibilidades de se mostrar a música. Eu acho isso também uma coisa legal (XANGAI, 2005).

Além desses registros fonográficos, Xangai também faz um registro áudio-visual de Kukukaya, gravando-a em seu DVD *Estampas Eucalol*, lançado em 2006, sendo que também Cátia de França a gravou em DVD, numa produção bem caseira feita na Fundação Casa Grande - Memorial Homem do Cariri, na cidade de Nova Olinda, no estado do Ceará, no ano de 2005, com a participação da Banda dos Meninos da Casa Grande, formada por crianças atendidas pela Fundação.

Mas certamente a versão mais moderna de *Kukukaya* foi gravada pela recifense Kelly Benevides, no CD *Tráfego Local*, no ano de 2001, pela Via Som, uma gravadora independente. O andamento da canção, nessa gravação é bem mais lento, desenvolvendo-se num clima sombrio enfeixado pelo arranjo de cordas feito pela própria cantora, combinado com efeitos tecnológicos realizados por recursos de *samplers* e *synths*. Cátia de França também a regrava, em 1996, naquele seria seu primeiro álbum da era digital, *Avatar*, que, inicialmente saiu pela independente Acácia, mas em seguida foi distribuído pela CPC-UMES.

De modo que as gravações de *Kukukaya*, tanto em LP e CD, como em DVD, perfazem um total de dez registros: uma no LP *20 palavras ao redor do sol*, da própria Cátia de França em 1979, ainda neste ano de 1979, outra no LP *Ave de prata*, de Elba Ramalho, em 1984 no LP *Cantoria*, resultante do encontro de Elomar, Geraldo Azevedo, Vital Farias e Xangai, também em 1984 no LP *Mutirão da vida*, de Xangai, em 1998 no CD *Avatar*, de Cátia de França, em 1999 no CD *Solar*, de Elba Ramalho, em 2001 no *Tráfego local*, de Kelly

Benevides, em 2002, no CD *Brasilerança*, de Xangai, em 2005, no DVD *Cátia de França ao vivo no Teatro Violeta Arraes* e em 2006 no DVD *Estampas Eucalol*, de Xangai em 2006.

No entanto, seu primeiro registro foi, em 1975, para a trilha sonora do filme *Cristais de Sangue*, o primeiro longa-metragem da cineasta italiana Luna Alkalay, radicada no Brasil. O filme narra a história de personagens em busca de seu lugar e de sua função num determinado quadro social e psicológico. Assim como na canção *Kukukaya*, que fala de quatro personagens, o filme é composto também por quatro personagens principais que procuram se situar no mundo. Fruto do cinema marginal, o longa mescla elementos de documentário com aspectos ficcionais. Para a diretora, trata-se de uma “fantasia da realidade”.

“Retrato de uma geração que discutia de maneira criativa e ampla as fronteiras entre o documentário e a ficção, *Cristais de sangue* é um filme que, por apresentar o desenho de uma época e um ideal para ‘fazer o cinema’, salta para além desse quadro, revelando-se, como sua própria narrativa, atemporal” (ANGELO, 2009: s/p).

Assim, a canção *Kukukaya* traz vários significados que são partilhados na explicação de fatos, na tradução de realidades, criando todo um jogo simbólico que dinamiza práticas sócio-culturais como expressão política e estética, consubstanciando fazeres cotidianos.

Fontes

Cátia de França (cantora/compositora). Entrevista realizada em 17 de março de 2003, Pium, RN.

Carlos Alberto Sion (produtor artístico). Entrevista realizada em 07 de setembro de 2004, Rio de Janeiro, RJ.

Elaine Maria Brito Medeiro; José Walter Campos de Medeiro Filho (produtores culturais). Entrevista realizada em 30 de julho de 2005, em Fortaleza, CE.

Geraldo Azevedo (cantor/compositor). Entrevista realizada em 19 de novembro de 2005, Rio de Janeiro, RJ.

Xangai (cantor/compositor). Entrevista realizada em 09 de maio de 2005, Lauro de Freitas, BA.

Elba Ramalho. (cantora). Entrevista realizada em 12 de agosto de 2005, Rio de Janeiro, RJ.

Bibliografia

ANGELO, Vitor. *Cristais de sangue*. Disponível em: <http://www.heco.com.br/marginal/filmes/longas/02_01_38.php> Acesso em 10 mai. 2009.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BURKE, Peter. Variedades de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

NAPOLITANO, Marcos. História & Música - História Cultural da Música Popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NAVARRO, Fred. Dicionário do Nordeste - 5.000 palavras e expressões. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jathay. História Cultural: Experiências de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jathay. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAMALAHÓ, Elba Braga. Cantoria nordestina: música e palavra. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

SANCHES, Pedro Alexandre. 'Geração sertão' ganha reedições cruciais. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 de dez. 1999. Ilustrada, p. 7.